

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--3 de Abril--de 1930

**ESTOES**  
JORNAL

**4.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

54  
**202**



sempre  
**fixe** semanário humorístico

Propriedade  
**RENASÇENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

**D Virginia Vitori... osa**



... casa de Garrett um garrote de alusões escandalosas, pedindo o decreto para a illustre autora de «Degredades». Afinal provou-se a ausencia de intenções reservadas, e o publico aplaude, tambem sem reservas.



# Os ditos da semana

**A hora** Dizem que se muda a hora.

Dizem, mas devem ser calúnias.

Então a hora que ainda era uma das poucas coisas certas que nós tínhamos ha-de mudar-se?

Não pode ser.

A ter de admitir-se uma mudança, seria apenas de duas horas, porque entre as dez e as onze nunca ninguém sabe bem ás quantas anda. Mas uma mudança de todas as horas, não pode ser.

Hoje uma mudança custa um dinheirão e com a crise de habitações, para onde é que as horas se haviam de mudar.

A unica mudança que se admite nas horas, é a que está consagrada pelo uzo, é isto de ser agora uma hora e daqui a pouco já serem duas, porque os relógios tem uma falta de caracter de pôr os cabelos em pé a um careca, versateis, voluveis, inconstantes, como uma menina da rua dos Fanqueiros.

Não, as horas não se mudam.

Quem se muda são os ponteiros, mas esses estão no seu papel. Dão-lhe corda...

De resto podem fazer o que quizerem que o sol não se rala. É quando o sinal luminoso do Terreiro de Paço lhe começar a piscar o olho, ás horas pares, para que ele nos intruje, o sol continuará no seu giro sempre para a frente, sempre para deante, sem querer saber de mudanças. O sol não se solidarisa com essas pouca-vergonhas.

Pois, sim, mudem a hora e terão em cima a maldição de todos os que morrerem, porque morrem uma hora mais cedo.

Com estas coisas não se brinca.

**Livros dois** Do sr. Jeronimo M. S. Paiva recebemos livros dois: "Do alto

Alemtejo" e "Cartas crucis". Só lemos um o segundo, porque logo nos palpitou uma prova importantissima. Apos-trofes, adjectivos, o Alvaro, Renan, Voltaire, Carlos da Maia, Antonio Granjo, João de Freitas, Moliere, Silva Pinto Landrus e outros muitos....

Com quem diabo será aquilo tudo?

**O Parque** Proseguem com certa rapidez as obras do Parque Eduardo VII. Já tem arbustos, ruas e canteiros de flores, tudo aquilo muito alinhadinho, feito à regua com a mais alta preocupação do rococó.

Fica uma coisa de encher o olho a um salão. Mas porque propriamente dito aquele parque de que Lisboa precisa, com arvores de sombra, seu tudo-nada de agreste, des selvagem, não o vemos nós.

Se aquilo assim continua, até a propria natureza se ha-de ver allicta ali dentro, com tanto luxo, com tanta pragmatica, que ainda ha-de vir a ser proibido lá entrar sem casaca ou farda com condecorações, assim como já é proibido tirar os casacos dentro dos hotes do lago.

Já agora completem a obra e façam do parque Eduardo VII uma coisa chic, uma coisa, catita. Calcem botas de polimento nos pes de sardinha e ponham *mitaines* nos guardas do lago. Encerem as pedrinhas di a calçada e ponham nham um pouco de *rouge* nas bocas de incendio que alimentam o lago. Ondulem a relva, penteiam os silvados e substituam a poeira das ruas por pó de arroz de Coty. Coloquem *abat-jours* de seda nos candieiros e deitem a baixo aquelas grandes arvores lá do alto, que estão a dar ao parque o ar pelintra duma terra de provincia. E quando tudo estiver podre de chic, civilizado, *rafiné*, tirem-lhes umas fotografias para bilhetes postais a cores, que a gente, a população da cidade irá então para as hortas à procura dum bocado de sombra, à procura de contacto com a natureza viva, porque a do parque será, como nos quadros dos pintores, apenas natureza morta.

Ora bolas.

**O café** O café baixou de preço, O Brasil encontra-

se a braços com o crise do café, o mesmo acontecendo ás colonias portuguezas. Isto dizem os jornais ha muito tempo.

Para nos certificarmos da veracidade da noticia não tomamos á Africa nem ao Brazil, como o leitor já está imaginando, mas entramos num café da Baixa.

—O' rapaz, traz um café.

—Veiu o café e saboreamo-lo. Parecia realmente café. Se não era, estava bem disfarçado.

—O' rapaz quanto é o café?

—Oito tostões, freguez.

—Mas então o café não baixou?

—Baixou mas isso foi lá fóra.

—Lá fóra, aonde?

—No Brazil e nas Africa.

—E cá?

Cá não o podemos vender por menos.

Pagámos e saímos a pensar que, de duas, uma: ou não ha a tal crise do café, ou aquele café não vem lá de fóra, como eles dizem.

**Mercedes Blasco** "O meu principe" se intitula o novo livro de Mercedes Blasco.

"O meu principe", ou melhor, o principe de Mercedes Blasco, é um principe incognito, um principe de Florilandia, mas tão bem caracterizado que a gente está mesmo a ver o principe escondido com o... nome de fóra.

Mercedes Blasco, espirito sempre juvenil, que sente ainda o amor como uma rapariga de vinte anos, deu-nos um belo livro e nós damos-lhe os parabens.

**Boletim metereologico** A primavera resolveu se a aparecer. Sol e vento. Calor e as primeiras moscas.

## Dr. Jorge de Faria



Ele—Muito gostaria que deixasse de fumar por minha causa.  
Ele—Mas eu não fumo por tua causa...

—Muito gostaria que deixasse de fumar por minha causa. Mas eu não fumo por tua causa...  
—Mas eu não fumo por tua causa...  
o que o Jorge-faria se o banquete fôsse em Vila do Conde.



—Porque foi a primeira pessoa atropelada por um automovel.

# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

SCENAS DA SCENA

### A APRESENTAÇÃO

PEDEM a nossa intervenção... Como se ela valesse de alguma coisa nesta questão — ou seja discussão — a volta da peça *Degredados*... Recebemos varias cartas e postais falando do assunto. Desejam que digamos de nossa justiça. Nesta pagina não se faz critica. Não nos arrogamos a tão altos cometimentos. Isso é lá com eles... com os que teem essa missão a pesar-lhes sobre os ombros...

No entanto, de entre os bilhetes que recebemos, um merece ser publicado. Resa assim:

ROMEU E JULIETA  
WERTHER E CARLOTA  
DANTE E BEATRIZ  
ABELARD E HELOISA

rogam ao «Homem das 5 horas» que intervenha, no sentido de conseguir as pazes entre o «Paulo e a Virginia», ha tantos anos apontados como modelos de amor, paz e concordia, e não acabem «Degredados» à ordem do Corregedor — V. Borga.

Felizmente, as pazes estão feitas. Julgamos que não se chegou a trocar a correspondencia nem o caracol... Tudo acabou em bem... Outra coisa não era de esperar. Como sempre — é velho uso entre nós — houve quem quizesse personalizar, apontar nomes. Os portugueses andam á procura dos defeitos uns dos outros. Temos a mania de querer meter toda a gente nas discordias que nos dividem... Ha, felizmente, ainda os que vivem fóra das miserias do mundo. Uma dessas pessoas deve ser V. V.

Um colega nosso disse, com muita graça, que era só o que faltava ver V. V. arvorada num novo Miguel de Vasconcelos de saias — saias curtas da moda...

O caso não é tão feio como o quiz pintar o Paulo... nem a Virginia quiz pintar fosse o que fosse, a não ser apresentar ao publico uma rova faceta do seu talento, numa peça portuguesa onde o amor patrio se grita bem alto.

Temos assistido a varias discussões sobre a peça. Os que a atacam — falo do lado anti-patriotico — nem a viram, nem ao T. N. foram. Discutem de ouvido, por ouvir dizer... e por rler nos jornais — nos que lhes convém... *Degredados* segue o seu caminho, embora tivesse sido manchada a segunda representação com aquela nota... traidora.

Mas... já lá vai a borrasca. O vento a.nainou e o publico continua a encher a sala verde-clara que as mãos artisticas de A. R. C. transformou — que é o preciso. Nem só da discussão vive o homem...

Tudo ficou certo, afinal. Tão certo, que na tabela do T. N. já se lê: A's 13 e 30 — *Revolução*. A's 21 e 30 — *Degredados*.

A horas certas. O programa está escrito. Não haverá imprevistos...

Ainda o que vale é um bocadinho de bom-humor para se poder levar isto a sério...

DISSERAM-NOS que foi entregue a uma companhia de declamação uma peça intitulada *O Destino*. O seu autor — consta — nos tam-  
bém se trata de uma peça de A. R. C.

Qual será o Destino que tem a primeira? Será ir para a *Fogueteira*?



Era uma vez o palco dum teatro, varios artistas e um ensaiador...

Emfim, — o diabo a quatro, p'ra não dizer pior!...

Tratava-se de pôr a peça em scena. Havia uma *perdiz*, nada pequena, e tudo trabalhava activamente. Isto foi no Teatro Nacional e a peça era, portanto, original ... de Benavente!...

Ensaaiador da mesma, — por direito do seu espirito belo e da sua cultura sem defeito — era Augusto de Melo.

Ora uma das atrizes, — o nome não se diz, porque é pecado e faz parte das coisas infelizes tocarmos nas reliquias do passado — todos os dias tinha uma razão amarga como fel, que apresentava em justificação

HARO lá com eles! Com a Rafaela veem nada menos de 60 artistas, bailarinas e coristas! 60 espanholas! E' a invasão... a verdadeira invasão! Já ouço as castanholas e os *taxis* na rua do Mundo, á porta da caixa...

ERA só o que faltava ver... O E. B., vestido de *Pilatos*, deve ficar bem bomsinho...

Quando fór a *premiere* não hão de faltar alusões ao lavar das mãos... Ha de querer lavá-las mas já não é tempo...

de não saber palavra do papel...

O Melo percebia...

Mas, com um grande esforço de vontade,

fingia que *engulia* e lamentava tanta infelicidade!... Contudo, duma vez não se conteve e, sentindo subir a mostarda ao nariz, agreste, rude e breve, rebentou com a atriz:

— «Isto não pode continuar assim!

A senhora está fóra do assunto, e eu não gasto mais o meu latim com tão ruim defunto...

A senhora não sabe nada disto e prejudica toda a companhia!...

— «Mas, senhor Melo, — diz-lhe d'imprevisto

a pobre, sem pensar no que dizia — estou fora do assunto, e com razão:

— eu não conheço a peça...»

— «Ah! não?!...»

Pois, minha filha, lá por essa, tudo se arranja em bem, sem mais conflito».

E pegando na mão da contratada, e pegando no grosso manuscrito, com a frente curvada,

numa atitude toda franciscana, fez a apresentação, com voz dolente:

— «A senhora Dona Fulana;

a *Malquerida* de Benavente!»

Manifestou-se o auditorio rindo...

Ele ia tendo quasi que um desmaio...

E por entre as alegres gargalhadas,

o Melo foi sentar-se, concluindo:

— «Agora, que já estão apresentadas, vamos recommear o nosso ensaio».

SILVA TAVARES.

ESPERA-SE com interesse a estreia do «tal rapaz da nossa melhor sociedade».

Todo o publico dessa noite vai gritar em unisono:

— Avé Cezar!

FALA-SE na fusão de duas companhias dramaticas. Ela que venha. Sendo para bom fim, todas as fusões são bem aceites. Cuidado com os chamados bons conjuntos... Já temos medo desse papão. Escolham boas peças e representem-nas bem, que o resto é com



— Ali era um teatro, antes da invasão das fitas...

os que pagam... Esses pagam sempre que lhes cheire...

O publico — não quero com isto chamar-lhe cac — tem o seu faro um faro bem apurado. Haja direcção artistica e criterio... tambem artistico, que a recompensa vem. O publico não é ingrato. O que é necessario é não lhe dar nada por livre...

TUDO CABE...

Metam disco novo. E' demais. Sempre o *Metro*, sempre *A minha casinha*, sempre *O Sabiá*, sempre «aquilo que já ouvimos»...

Basta. Venham copias novas, mudem de repertorio...

J. de F., critico considerado, terminava um *pau de ferro*, onde fazia o elogio rasgado e franco ao talento do grande actor A. da C., com estas palavras:

«...E, no entanto, A. da C. ainda não foi condecorado...»

As veneras só são concedidas aos que as veneram antes de as obter... e A. da C. não é desses... Se um dia tiver alguma delas é porque se lembraram dele... e não porque ele se tivesse lembrado delas...

DISSE o nosso colega *Diario de Lisboa*:

«A actriz Amelia F., que andava trabalhando em «tournée» pela nossa Africa, encontra-se presentemente no Rio de Janeiro, tendo feito directamente a viagem em um barco japonês.»

Temos já a noticia da chegada. Os prelos generam ao encostar o barco japonês. Um dos jornais brasileiros faz desta maneira o perfil de Amelia F.:

«Os jornais e revistas portuguezes ultimamente falam muito de um nome de actriz, moça e elegante, cuja alegria, originalidade, atitudes e frases de espirito transcrevem, subcrevendo *clichés* sugestivos em que a joven e inteligente artista aparece nos *travestis* de *sportswoman*, em *toilette* de amazona, no traje das caçadas de Africa. E as noticias, os *papers*, entrevistas e aneddotas da vida teatral portuguesa de hoje referem aventuras, papéis, sucessos sempre da nova figura dos palcos de Lisboa e Porto.

A actrizinha graciosa fornece o assunto de crónicas e o motivo de *trases* aos criticos teatraes, aos redactores cinematographicos, aos noticiaristas mundanos e aos redactores de notas musicas.

Esta é a sedutora actriz que acaba de chegar ao Rio, onde aportou ha dias como passageira do *Nakasa-Maru*, embarcada em Lourenço Marques. Esta é Amelia F., vedeta de revistas portuguezas, que tem gravado discos e posado filmes e que é uma desportista valorosa, campeã de natação, vencedora de concursos de equitação, astro das praças mundanas portuguezas e *béguin* de todos os frequentadores de casas de espectáculo do seu país.

Conhecem-na?

O HOMEM DAS 5 HORAS.

# Graça dos outros

*A mulher:* — Humberto, foste tu que voltaste para a parede o retrato da mamã?

*O marido:* — Porquê? Manchou-se a fotografia?

\*\*\*

*O cavalheiro está abraçando a minha filha!*

— Nada disso! Como sou miope, estava vendo de perto a cor dos olhos dela!

\*\*\*

*Na farmácia:*

— Quanto custa um quilo de rádio?

— Quinhentos contos cada grama!

— Perfeitamente! Dê-me cinco doses de pilulas purgativas...

\*\*\*

*Na cadeia:*

*O presidiário recém-chegado:*  
Para que são essas grades tão grossas nas janelas? Será por terem medo dos ladrões?...

\*\*\*

*Ela:* — Acabo de fazer um seguro de vida.

*Ele:* — De quanto?

*Ela:* — De cem contos!

*Ele:* — Magnífico! Agora já não tenho que te recomendar cuidado com os automóveis!...

\*\*\*

*O medico:* — Para a senhora emagrecer tem que passar a comer saladas sem azeite, tomates, cerejas, morangos e chá quente.

*Ela:* — Muito bem, doutor! Mas isso antes ou depois das refeições?

\*\*\*

*Entre amigos:*

Maria diz que encontrou o seu ideal.

— E quem é?

— O primeiro homem que lhe apareceu a «arrastar a aza»...

\*\*\*

*A mãe:* — O que disse o papá quando viu que lhe tinhas quebrado o cachimbo?

*O peiz:* — Devo omitir as palavras feias?

*A mãe:* — Naturalmente!

*O peiz:* — Pois... então não disse nada!...

# PEOR DO QUE CRISTO

Quando alguém falava ao pé do Evaristo no martirio de Cristo, no que por nós Ele padeceu, na torturante subida do Calvario, conduzindo a pesadíssima cruz, o Evaristo tinha um sorriso sceptico, um encolher de ombros desdenhoso, e pronunciava arrojadamente:

— Eu soffro mais do que isso, sem fama de Martir nem esperanças de Ressurreição!

A mim, que bastas vezes assisto a esta scena, tem-me passado pela mente varias ideias a respeito da duvidosa attitude do Evaristo.

Porque dirá ele soffrer tanto? Questões com a sogra? Não, porque o Evaristo é solteiro de nascença.

Azares da vida? Impossivel. O Evaristo vive o melhor que se pode desejar.

Dóres de dentes? O Evaristo tem-nos postigos!

Doenças? Mas como, se ele parece vender saude e se gaba publicamente que nem os medicos nem as parteiras lhe comeram nunca cinco réis?

E perdia-me em mil conjecturas sem conseguir decifrar as enigmaticas palavras do Evaristo, que aos 23 anos se confessava mais soffredor que Cristo quando levou ao Calvario a pesadissima cruz...

Encontrei ha dias o Evaristo num carro atrelado para Santo Amaro, acompanhando uma alentadissima menina, com quem se desfazia em mais que suspeitas atenções. Amavelmente, o Evaristo apresentou-ma e desfez-se a meus olhos o misterio da sua vida...

A menina alentada chamava-se Julia Cruz e o Evaristo levava-a todos os dias ao Calvario!

Estavam absolutamente justificadas as suas palavras! O Evaristo fazia diariamente o que Cristo fez uma vez só, com a agravante que a Cruz era talvez mais pesada e que o Evaristo estava pregado a ela pelas garras do amor, sem fama de Martir e sem esperanças de Ressurreição...

ANIBAL NAZARÉ.

# O ASSALTO

# A TRAGEDIA

## de duas primas

*Personagens:* Duas meninas... de respeito e dois cavalheiros... de industria.

*Scenario:* Um quarto com duas camas.

### PAIMEIRO ACTO

(Ao principar o acto, o quarto encontra-se entrevado, isto é, mergulhado em treva... Duas donzelas timiditas, com essa timidez peculiar ás virgens de quarenta e muitos anos, entram no seu quarto comum, e enquanto uma fecha cautelosamente a porta, a outra acend a luz. Uma é a prima Inocencia e a outra é a prima Candida. Uma usa oculos, a outra começa a deixar crescer o bigode).

*A prima Candida:* — A prima Inocencia reparou naqueles indecentes que vinham ao pé de nós, no electrico? Pouco faltou que se não beijassem.

*Prima Inocencia:* — Reparei, sim, reparei. Ai prima, que imoralidade vai por esse mundo! Não nos admiremos se qualquer dia cai por ai um castigo...

*Prima Candida:* — E como essas descaradas se pintam! Ele é os olhos, a boca, as faces, as unhas...

*Prima Inocencia:* — Elas até pintam a manta!

*Prima Candida:* — Depois queixam-se de que os homens são atrevidos!

*Prima Inocencia:* — Vejam lá se os homens se intrometem connosco?

*Prima Candida:* — Por mim posso gabar-me de que ainda nenhum me tocou com um dedo!

*Prima Inocencia:* — Eles bem vêem que nós somos duas meninas de respeito.

*Prima Candida:* — Emfim, se os homens fossem delicados e nos dissessem coisas finas, elegantes...

*Prima Inocencia:* — Tambem não digo que não! O pior seria se nos dirigissem alguma frase com duplo sentido que nos fizesse córrar...

*Prima Candida:* — Ora! As mulheres honestas só têm ouvidos quando lhes convém.

*Prima Inocencia:* — Nós o que precisamos é de recolher mais cedo. Os homens são muito atrevidos e não respeitam ninguém. E nós somos duas donzelas fracas e alambas, sem experiencia e sem...

*Prima Candida:* — Se não tivéssemos um homem que nos defendesse...

*Prima Inocencia:* — Crédo, prima! Um homem?

*Prima Candida:* — Olha o disparate! De dois homens é que precisavamos! Um para cada uma.

*Prima Inocencia:* — Casados, já se vê, por causa das más linguas...

*Prima Candida:* — Oh! prima, não repara no que está dizendo? Então nós iamos dar atenção a homens casados?

*Prima Inocencia:* — Casados, sim, mas connosco!

*Prima Candida:* — Ah! isso agora é outro caso.

(Deitam-se, apagam a lampada electrica e a prima Inocencia, que acendeu um castiçal, examina, cuidadosamente, por debaixo da cama).

*Prima Candida:* — O' prima Inocencia? O que está a vigiar por debaixo da cama? Tem medo de que esteja por lá algum gato assanhado?

*Prima Inocencia:* — Não, prima, é para vêr, não esteja algum homem escondido...

*Prima Candida (olhando tambem com atenção para debaixo da cama da sua companheira):* — Infelizmente não vejo lá nenhum!...

### SEGUNDO ACTO

(Mesmo scenario. As donzelas dormem o tradicional sono da innocencia e da candidez. Dois cavalheiros... de industria penetram, ás apalpadelas, no quarto das virgens, que D'Annunzio, felizmente, não conheceu. Um dêles tropeça na cama da prima Candida).

*Prima Candida (acordando sobressaltada):* — O' prima Inocencia: parece que temos gente no quarto!

*Prima Inocencia (acendendo a lampada):* — Dois homens! Isto é um sonho ou uma realidade?

*Prima Candida:* — Posso gritar?  
*Um dos cavalheiros:* — Se grita, mostramos-lhes que somos homens... de poucas brincadelas!

*Prima Inocencia:* — Não mostrem, não mostrem, que temos muito medo e vergonha!

*Prima Candida:* — Espero que os dignos cavalheiros nos vão tratar com a devida consideração e a máxima delicadeza. (Com um suspiro enternecido) E a primeira vez na...

S. GREDO.



— Vá... Desce... Se não vou eu buscar-te...  
— Não desce...  
— Não desces?!...  
— Não! Abaixo ninguém me chega, acima não vai ninguém...

1 DE ABRIL

# O BANQUETE

## a Jorge de Faria

Teve um alto significado o banquete que se realizou no dia 1 de Abril, de homenagem ao ilustre crítico teatral sr. dr. Jorge de Faria. Em volta do nome do conhecido homem de teatro reuniram-se mais de 100 jornalistas, escritores, críticos teatrais, homens de ciência, oficiais do exercito e da marinha, advogados e artistas, que quiseram significar-lhe o apreço em que têm as suas qualidades de caracter e a profunda admiração que sentem pelo seu talento de crítico teatral.

Foi uma bela festa de confraternização, em que se fizeram interessantes afirmações.

Assumiu a presidência a grande actriz sr.ª D. Adelina Abranches, sentando-se á sua direita o homenageado, sr. dr. Jorge de Faria, e os srs. Antonio Ferro, dr. Feliciano Santos, dr. Couto Rosado, Cristovão Aires, dr. Francisco Pais de Sande e Castro, e á esquerda D. Palmira Bastos, os srs. dr. Joaquim Manso, dr. Ramada Curto, dr. Vasco Mendonça Alves, Carlos Selvagem, dr. José Pontes e Pedro Bordallo.

Em frente tomaram lugar D. Amelia Rey Colaço e os srs. dr. Celorico Gil, Guilherme Pereira de Carvalho, presidente da comissão promotora da homenagem, Alves da Cunha, Gustavo de Matos Sequeira, Chaby Pinheiro, D. Maria Matos, dr. Adolfo de Andrade, Lino Ferreira e Erico Braga.

Nos outros lugares sentaram-se indistintamente os restantes convivas, cujos nomes publicamos no final.

O jantar decorreu no meio de grande animação e sempre com um espirito de camaradagem e de fraternidade que muito nos apraz registrar.

A certa altura, foi lida a numerosa correspondencia, onde se encontrava uma carta de Pirandello e um telegrama de Charles Méré.

Pessoas de todas as categorias sociais enviaram ao sr. dr. Jorge de Faria palavras de simpatia e de admiração que a assistencia sublinhou com fartos aplausos.

Falou em primeiro lugar, em nome da comissão, o sr. Guilherme Pereira de Carvalho. Elogiou o valor de Jorge de Faria como homem de teatro. O seu nome impôs-se á consideração geral. Disse que esta manifestação de carinho e de simpatia á volta de Jorge de Faria significa bem a amizade que todos nós nutrimos pelo ilustre autor do *Pano de Ferro*. A sua obra, já largamente patenteada nas criticas de teatro, em artigos sensatos sobre coisas teatraes e até sobre viagens, são modelos de jornalismo e de literatura que colocam Jorge de Faria num pedestal donde não será facil fazê-lo descer. Bebe por Jorge de Faria, a quem oferece uma renda de Vila do Conde—terra da naturalidade do ilustre homenageado.

A seguir falou, em nome da critica, o nosso colega Artur Portela. O seu discurso, que foi reportado por grandes salvas de palmas, pôde resumir-se nestas palavras:

Quando em Vila do Conde, aí por aí...

de modo, viva ainda Osmiro Castelo folhetinesca do nome, resolveu devorar

com ganas de gargantua todos os folhetos de cordel, teatraes e não teatraes, existentes nas bibliotecas. Leu tudo e sabe tudo. Jorge de Faria, não, Sua Excelencia a Cultura, a Erudição, o Saber, com um S maior do que a futura estatua de Pombal, estadista muito da particular antipatia do homenageado! Na impossibilidade de pôr as minhas palavras sobre um tapete de Beliz, ou de lhe dar punhos de renda de Vila do Conde, bebo por Jorge de Faria, incondicionalmente, apesar do condicional do seu apelido.

Usaram ainda da palavra os srs. dr. Joaquim Manso, Antonio Ferro, Cristovão Aires e Nascimento Fernandes. Não falou o sr. dr. Mario Monteiro.

Jorge de Faria levanta-se para agradecer. Uma prolongada salva de palmas ouve-se pela sala do *Tavarez*. Dura minutos. Afirma estar muito desgostoso. Não era um almoço que desejava. A sua ideia foi atraçada. Desejava, sim, uma homenagem. Mas nunca um jantar. E porque? Porque assim já não sabe onde ir cear. Se todos os seus amigos e admiradores, que ali estavam á sua volta, lhe oferecessem, um por um, um almoço ou um jantar, ficava mais economico—porque ele come pouco, a não ser doces e chocolates—e tinha dessa maneira banquetesinhos para 3 meses, ou perto disso. Sente-se comido, embora esteja a comer. Aquilo não se faz. Estragaram-lhe a ideia. Agradece, no entanto, a homenagem com palavras repassadas de ternura e diz não merecer tão grandes elogios nem tão grandes discursos. Antes de terminar, pede mais uma homenagem: que todos, á saída, lhe comprem um pausinho de chocolate. Acima de crítico é guloso e é como guloso que aceitou aquele jantar.

Com grandes abraços e farta gargalhada terminou o jantar de homenagem a Jorge de Faria.

\* \* \*

Além da comissão, que era composta pelos srs. Guilherme Pereira de Carvalho, presidente, Cristovão Aires, Lino Ferreira, Artur Portela, Alves da Cunha, Alvaro de Andrade, Antonio Ferro e Gustavo de Matos Sequeira, sentavam-se indistintamente:

Leitão de Barros, Avchmo de Almeida, Ayala Monteiro, Joaquim Almada, dr. Alfredo Cortés, Rogerio Perez, Assis Pacheco, Norberto Lopes, capitão Pinheiro Correia, Felix Correia, Armando Macedo, Lourenço Calola, Nogueira de Brito, Leopoldo Frois, Nascimento Fernandes, Samwel Denis, Mario Duarte, dr. Mario Monteiro, Paulo de Brito Aranha, Acurcio Pereira, Afonso Gaio, Aprigio Mafra, Rocha Junior, Miguel Coelho, José Gamba, Seixas Pereira, Rosendo Silva (quasi actor Cesar Pais), João Bastos, Luis Figueira, Alberto Barbosa, Alves da Costa, Robles Monteiro, oão Ramos, Pereira Coelho, dr. Dias Costa, Baul de Carvalho, Eduardo Scariatti, Carlos de Oliveira, Amarelho, Felix Bermudes, Artur Inês e Augusto Pina.

\* \* \*

Assistiram ainda ao jantar as actrices: Amelia Pereira, Beatriz

na Cordeiro, Constança Navarro e Irene Isidro.

## UM RAPAZ ESPERTO

## Elevador da Gloria

Ariosto, que tem lá em casa tanta traça que chega para afligir uma casa de familia inteira, dirigiu-se a um droguista:

—O senhor faz-me um favor? Tenho lá em casa uma porção de traças que não fazem outra coisa que estragar-me a roupa. O senhor não terá qualquer coisa que me acabe com aquela porcaria?

—Sim, senhor. O senhor leva umas bolas de naftalina e pronto.

—Então, faz favor...  
*(O droguista embrulha algumas das simpaticas bolinhas, que entrega ao Ariosto).*

—Quanto é?  
—Dez tostões...  
—Boa tarde... e muito obrigado.

No dia seguinte:  
Ariosto: —O senhor faz-me favor dá-me cinco mil réis daquelas bolinhas que ontem me vendeu. Gostei imenso delas...

*(Ariosto falando consigo proprio):* —Vamos lá a ver se desta vez isto vai...

O droguista: —Ora essa... Com todo o gosto...

*(O droguista faz um grande pacote, que entrega a Ariosto).*  
Dois dias depois:

Ariosto: —Tenha paciencia, meu caro senhor. Arranjava-me mais dez mil réis daquelas bolinhas que me tem vendido?

O droguista: —Porque não...  
Dois dias depois:

Ariosto: —Cá estou outra vez! Faz favor arranja-me agora vinte mil réis das tais bolinhas.

O droguista: —Sim, senhor... Mas...

Ariosto: —Mas o quê...  
O droguista: —O senhor sabe que o meu mal é vender... Mas ha de permitir-me uma pergunta...

Ariosto: —Faz favor...

O droguista: —Para que quer o senhor tanta bolinha de naftalina?

Ariosto: —Para matar as traças...

O droguista: —Mas meia duzia delas, para mim, acho que chegava para as matar todas...

Ariosto: —Ah! pois sim... Mas isso é para o senhor, que é bom atirador!

Dificil de responder:

A Rosinha, vendo a mãe deitar bolas de naftalina numa gaveta com roupa, pergunta:

—Para que é isso, mamã?

—Para destruir as traças, meu amor.

—O que são traças, mamã?

—São uns bichinhos pequenos que se alimentam roendo as roupas.

—E tambem havia traças no Paraíso quando Adão e Eva lá viviam, mamã?

—Havia, sim, filha.

—Mas então de que se alimentavam elas?

\* \* \*

Ela: —Parece que ficou bem compenetrada, minha querida, de todas estas explicações que te tenho dado sobre negocios bancarios e moeda corrente.

Ela: —Sim. O que acho admiravel é que alguem possa saber tanto como tu a respeito de negocios, sem ter nenhum.

\* \* \*

Um medico foi chamado para ver um homem que estava muito doente. Examinou-o e disse para a enfermeira que o estava tratando:

—Observe-o bem durante a noite para me dizer todos os sintomas quando eu voltar de manhã.

O doente piorou muito de noite e disse uma quantidade de disparates com a febre.

Quando o medico voltou no dia seguinte, perguntou á enfermeira:

—Então, o que se passou depois que daqui saí?

—Mal v. ex.ª tinha saído do quarto,—informou ela—logo elle disse: «Quando é que aquele velho tonto disse que voltava?». Foram estas as ultimas palavras acertadas que o doente pronunciou.

\* \* \*

—Luiza, trouxe-me as flores que hei de levar ao baile, no cabelo?

—Sim, senhora condessa, mas não sei onde puz o cabelo que ha de levar as flores...



—Que papel é esse de um revista?

—Qual não! Então não vés que estou de «tanga»?!..

### Consultas do "Fixe"

P. 19: — Diga-me, sr. consultor: Ha momentos, pela manhã, em que a boca, sem que eu para tal tenha contribuido, adquire um sabor heterogenio a papeis de musica, discos de gramofone, caixas de fosforos incendiados, etc., etc. Que hei de eu fazer para que tal sabor desapareça e eu consiga a normalidade da vespera? — *Arreuega*.

R. 19: — Sada. O pirrito tambem nao é mar, mas custa mais caro.

P. 20: — As senhoras andam actualmente com uns casacos muito compridos atraz e muito curtos á frente. Porque razão será? — *Curioso da Silva*.

R. 20: — O senhor nunca ouviu dizer que as pegas tem cauda?

P. 21: — Gostava imenso de escrever para o *Sempre Fixe*, que hei de fazer? — *Aquiles*.

R. 21: — Compra dois cadernos de papel almasso e um automovel; uma caneta vulgar e faz-se socio do Automovel Club de Portugal, um tinteiro de prata e envia 500\$00 a mim ou á minha ordem, numa carta registada. Tudo o que depois ler no jornal que não venha assinado é seu.

Esquecia-me de lhe dizer que pode mandar o automovel e o tinteiro, que até o cabeçalho, nessa altura, vem sem assinatura. O anonimato é o pseudonimo dos ultratalentos. Se tiver dificuldades na transmissao das suas ordens, escreva para

Z. M.

P. S. — Escusa de ter piada, que ca se arranja com certeza e com fartura. — Z. M.

### Tragedia comercial

Quer fosse *Cycolon* a minha amada, um dia partiu consignada a terras mui distantes, sem dar conhecimento a quem tanto lhe queria e sem deixar o *Dere* em termos concordantes.

Protesta, e de vez, tal arte e bizarria e com chorar selas aspirações radiantes; pois não tinha na sua divina Maria em qualquer *diversos* múltiplos amantes.

Comeei-lhe a escrever e quasi ao acabar eu tive uma vontade enorme de lançar o que me ia seguindo a suplicante escrita.

E essa de posmar! Evando os meus horrores, nunca vi tanto cao em forma de *credores* — e então compendi a *monst* nesa *tragedia*!

MES ANQUE DO MES



— Que tempo faz hoje, Evaristo?  
— Creio, senhora marquesa, que teremos chuva.  
— Impertinente! Teremos, não!... Você terá a sua e eu a minha!  
(Do «Gutierrez»).

### Quereis dinheiro ?

Jogal no

# Lama

Rua de Amparo, 51 — LISBOA  
Sempre sortes grandes

# IMPOSSIVEIS

Fazer a *união sagrada* entre o comerciante e o consumidor. E porquê? Porque não ha maneira umbelical de os unir. O primeiro gosta de comer barato e bom e o segundo não olha a *meios* para conseguir os seus *fins* — de explorador.

\*\*\*

Conseguir o desaparecimento da bandeira vermelha, que só nos causa aflições intestinais, nas Casas de Emprestimos sobre Penhor. E' um *drapejamento* que não liga... Sinal de leilão. Quem se governa são os outros, por meios precos. Uma *cambada*, nada mais!

\*\*\*

Uniformizar as tintas das drogarias. Ha encarnados, que despertam desejos; os labios da mulher; todavia, ha outros que fazem baixar os olhos aos homens: os letreiros de *paragem*... Só a *toque* é que podem seguir.

\*\*\*

Adregar uma empregada bonita numa casa de cortumes. O cheiro é pessimo; tambem não se *ajusta* ao pé da mulher. Mas, enfim, a

essencia da peuga vende-se por *grosso* e a *meudo*.

\*\*\*

Encontrar ligados pela mesma corda intraligados pelo homem de letras a um homem de *foras ricas*... Este sempre foi e será alguém nesta terra portuguesa — o burguês. O outro, claro está, deve seguir o exemplo do *cavalo do inglês*... Rima e é verdade.

\*\*\*

Tratar de fazer as pazes duma autoridade com um carroceiro. Se ha reprimendas, o *homem do chicote*, sem mais tir-te nem guar-te, despeja a cornucopia de indecencias. Não tem *operação* possivel, a despeito das aturadas deligencias da Sociedade Protectora dos Animais...

\*\*\*

Levar a bom caminho um bêbedo transviado. Outro fenomeno. Como não lhe faltam os *zig-zags*, entende ele, por bem, que a *linha recta* é uma utopia. Nem respeita a policia... dos bons costumes vicultores. E viva o *velho*!

lvinho



A influencia do cinema no amor

## Em toda a terra

é conhecido e seu nome e inumeraveis são as pessoas que devem á Cafiaspirina o alivio dos seus sofrimentos. Por isso aquele que em horas tristes e penosas foi libertado de dôres e recorda a eficacia maravilhosa da Cafiaspirina, não deixará de recorrer a esta quando outra vez tenha a infelicidade de sofrer dôres de cabeça, de dentes e de ouvidos, enxaquecas ou nevralgias.

A Cafiaspirina reanima, levanta as forças e não ataca o coração nem os rins.

# CAFIASPIRINA



À venda em todas as farmacias.



maré de rosas. Pelo menos, desatou a gritar, entusiasmado: *Viva a vida!* Que conte muitos anos e bons, é o que mais desejamos.

O Tivoli e o São Luis deram nesta semana em irmãos siameses. Pela primeira vez se exhibe o mesmo filme — e que rico filme! — em ambos os cinemas: Lisboa, de Leitão de Barros. Ora ai está uma fita que não precisa recorrer a anuncios irritantes. Tudo ali é são, sincero, feito com uma alegria e uma confiança verdadeiramente dignas dum artista.

O *Fixe* foi lá ver. Viu-se por lá. Ficou sensibilizado. Aplaudiu. E para que não lhe chamem *parcial* — não diz mais nada.

RETARDADOR.

## A SALVAÇÃO

Feitas as despedidas ás pessoas conhecidas, madame Sarah, a esra embarcar num grande paquete posa de Abrahão, preparava-se para em direcção ao Brasil.

O marido, que muito lhe queria, depois de pespegar alguns sonoros beijos na cara da cara metade, pediu-lhe que diariamente Sarah lhe enviasse de bordo um radio que o socegasse e confortasse naquela dura ausencia.

Sarah comoveu-se. Estimava-o muito. E prometeu enviar-lhe dia a dia comunicações de bordo, para que Abrahão sentisse menos pesada a saudade.

No dia immediato á partida, recebeu Abrahão o primeiro radio. Dizia assim:

«Camarote excelente. Sigo boa viagem. — Sarah.»

Dois dias depois:

«Viagem optima. Beijos. — Sarah.»

No dia seguinte:

«Comandante começa a fazer-me a corte, mas eu resisto. — Sarah.»

Abrahão deu três pulos mas... como Sarah resistia... socegou até que recebeu novo radio:

«Comandante ameaça meter navio a pique se não cedo. — Sarah.»

Três dias decorridos:

«Salvei a tripulação. — Sarah.»



75 - Rua de S. Paulo - 77



O que se diz e o que se não deve dizer

## Aviação nos Grandes Armazens

Um grande armazem de Londres acaba de criar uma secção de... *Aviação*. De ora em diante, entre as sedas e as roupas brancas, entre as malinhas e as perfumarias, as jovens *misses* e as *honorable ladies* poderão encomendar um avião.

— «Quere que mande a casa, minha senhora?» — perguntará a vendedora.

— «Sim!»

Está-se a vêr a cara do marido ao receber a encomenda...

O exemplo do armazem de Londres, ha de ser seguido. E' um progresso que nos ha de ca chegar tambem. Contamos para isso com o espirito europeu de Abilio Nunes dos Santos.

E qualquer dia teremos nos Armazens do Chiado, além das exposições de branco, dos saldos, das semanas das sedas, das apresentações de modelos de inverno, verão, outono e primavera: — a grande semana dos trimotores, o saldo dos hidro-aviões e o dia de retalhos para compra de velas, dinamos, etc.

Nenhuma mulher, como se sabe, pode resistir ao apelo dum saldo. Nenhuma mulher quere sair dum grande armazem com as mãos vazias. Nenhuma mulher, entrando por curiosidade, só para vêr, resiste á tentação de fazer o que ella julga uma boa compra...

O anjo que tem dez chapéus em casa e compra mais quatro; que depois compra lavas de que não precisa; e mais um guarda-chuva que perde no mesmo dia: — Porque é que este anjo não ha de comprar tambem um avião?

\* \* \*

A primeira eliminatória do campeonato nacional de *foot-ball* acabou com os emocionantes resultados do costume: — sete a um, sete a zero, oito a um, seis a zero, dez a zero, etc.

Tais foram os scores com que os clubs das capitais eliminaram os sonhadores das provincias.

Dizem que o campeonato nacional aberto a *tutti quanti* é um excelente meio de propaganda. E' verdade. E' a propaganda pelo desanimo.

Imaginem os senhores o regresso dum *equipe* provinciana que sofreu dez *goals*. E imaginem, numa terra pequena, o assunto permanente — porque ha poucos — de troça e remoque: *áqueles parvos que tambem queriam jogar «foot-ball»!*

\* \* \*

A celebre francesa Madame Hanau, conseguiu fugir do hospital Cochin utilizando um lençol para descer dum janela situada a 12 metros do solo.

Como se lembra, a senhora lançou-se para fora da janela...

«Com a terrível e rápida, sem duvida para amortecer a queda da evadida.»

Após esta espantosa descoberta, só temos que esperar o dia em que os grandes construtores de automóveis comecem a empregar os nós de lençol como amortecedores.

Enquanto não chega esse dia, parece-nos porém que aquele acessório pode já começar a ser vendido. E ai temos, por exemplo, o nosso Monis Pereira, indiscutível especialista em nós que ninguém desata, como o homem absolutamente indicado para o fabrico nacional em série. Pode-se mesmo já anunciar que faz nós: — um vinte mais barato em cada dúzia.

\* \* \*

A Associação de *Foot-ball* de Lisboa tem uma secretaria. Nessa secretaria ha um secretario geral, ha empregados dactilografos. E ha um arquivo. Os dirigentes da A. F. L. tem um grande orgulho no seu arquivo.

O secretario geral é um homem que toda a gente da bola conhece. Chama-se Santos Barão. E' empregado da A. F. L. quasi desde a sua fundação. Os dirigentes da A. F. L., quando falam publicamente, tecem os maiores elogios ao San-

tos Barão e chamam-lhe insubstituível.

E' certo que ha muitos anos que se rosnam coisas do homem. E os proprios dirigentes, quando retirados num recanto sombrio dum café, tambem rosnam.

Mas como parece que o homem é — e é de facto — *noli se tangere*...

\*Mas voltemos ao admiravel arquivo, admiravel obra do admiravel empregado.

Ha já bastante tempo, foram excepcionalmente á A. F. L. dois antigos jogadores. Um deles principiou a jogar na Associação no ano da sua fundação. Jogou perto de dez anos: em quartas, em terceiras, em segundas, em primeiras. Foi delegado do seu club em assembleias gerais. E terminou a sua carreira de jogador partindo uma perna num desafio nas Larangeiras, salvo erro.

O outro jogador que o acompanhava tambem tinha uma carreira larga.

Conhecedores da fama do admiravel arquivo, admiravel obra do admiravel empregado, tiveram a curiosidade saudosa de vêr uma antiga inscrição sua, um papel em

que o seu nome figurasse, uma coisa qualquer que lhes recordasse a sua passagem pelos rectangulos de jogo.

Um empregado procurou longamente... e não encontrou nada! Foi comunicar ao excelentissimo secretario geral. O imperador desceu do trono. Procurou longamente... e não encontrou.

Voltou-se para o empregado e pronunciou estas palavras definitivas:

— «Não ha cá na Associação coisa alguma sobre esses illustres desconhecidos!»

Pois foram aqueles pioneiros, aqueles illustres desconhecidos, aqueles *trouxas*, que fizeram com que Santos Barão tenha hoje os patacos que lhe permitem ser malcriado.

## O Campeonato

de Portugal

começa divertido

«S. JOÃO DA MADEIRA. — Os casapianos obtiveram o seu triunfo com facilidade, embora só na segunda parte tivessem marcado a valer.

No primeiro tempo, os grupos fizeram uma.»

(Do «Noticias»).

Em S. João da Madeira, O Casa Pia bateu O pobre *team* local. E bateu de tal maneira Que faz córar um ateu, Segundo Besa o jornal.

Só na segunda metade (Segundo resa a noticia) Começaram a marcar. Mas digamos, em verdade, Na primeira — que delicia! — Aquilo é que foi gosar.

Não julguem que estou brincando. Com estas coisas, em suma, Mas ouvi alguém cantando: Rarissimamente brinco. «Mais vale fazer só uma Do que levar... quatro ou cinco.»

Este sucesso passou-se, Ainda bem, lá p'ra os lados Do norte de Portugal. Pois se em Lisboa tal fôsse, Ca sempre eram fulgidos Por serem a...»

## 1.ª Filtradela



Ainda nos ficam 6 jogos e meio para... bem das empresas

ZÉ MARIA.

# ECOS DA SEMANA

AFIM DE EVITAR QUE AS MOSCAS MOSCATELISEM O MOMENTO AO MARQUES, JA HA UMA FIGURA ENKOTA MOSCAS-EM PEDRA - DE EXCELENTES RESULTADOS A ESTATUA TAMBEM LHE CHAMAM A VERDADE ENSACADA

SE VIRES AS MULHERES POLICIAS NÃO AS TRATES COM DESDEM. CASO CONTRARIO O MELHOR E SUICIDARES TE

## FILM

# LISBOA

GRACAS AOS SETE FO LEGOS DE LEITAO DE BARROS VAMOSTER O PRAZER DE VER

UMA FITA CATHI TA EM QUALQUER PARTE DO MUNDO.

O MARQUÊS SA DA BANDEIRA NEM MESMO SENDO DE BRONZE O DEIXAM DESCANÇADO. BREVEMENTE MUDARA A SUA RESIDENCIA PARA O JARDIM DE SANTOS.

(QUE NA VERDADE TEM MELHOR VISTA)

E<sup>TH</sup> SCHUMANN E MR KARL ALWIN

AMAIOR CANTORA DE LIEDE QUE TEM LIE DADO NOS NOSSOS PALCOS

PARECE QUE O SENHOR TRINDADE SE IRRITOU COM TANTA PUREZA MACIEZA, DELICAZA E EXETREZA

